

AFETOS NA LEITURA DO TEÓRICO DA LITERATURA

AFFECTIONS IN THE LITERARY THEORIST'S READING

Heidrun Krieger Olinto¹

Resumo: Esta reflexão detecta uma exuberante tendência que propõe explicitamente princípios e exercícios de prazer na construção de conhecimento no campo dos estudos de literatura. Mostra um olhar sobre as relações entre esferas cognitivas, emotivas e comunicativas. Estas seduzem uma nova sabedoria que se traduz pela confiança na espontaneidade e intuição, ao tempo que reduzem o poder hegemônico do discurso racional. É o afeto que fornece a energia para a dinâmica cognitiva na relação sensorial/sensual com textos literários em vez de exegese clássica.

Palavras-chave: literatura, prazer, cognição, emoção, comunicação

Abstract: The article detects an exuberant trend that explicitly proposes principles and exercises of pleasure in the construction of knowledge in the field of literary studies. It also provides a glimpse into the relationship between cognitive, emotional and communicative spheres. This entire new knowledge that translates the trust in spontaneity and intuition, while reducing the hegemonic power of rational discourse. Affection provides the energy for cognitive dynamics in sensory / sensuous relationship with literary texts instead of classical exegesis.

Keywords: literature, pleasure, cognition, emotion, communication

I hope that art can give me a break from *Erkenntnis*.

Hans Ulrich Gumbrecht

1. O que motiva as minhas indagações pode ser entendido como reflexão, não sistemática, acerca de uma tendência vigorosa que introduz, de modo explícito, princípios e exercícios de prazer na forma de construção de conhecimento no campo disciplinar dos estudos de literatura. Não se trata apenas do deslocamento do interesse pelo ato da leitura vinculado, desde a década de 1960, com múltiplos projetos a favor de uma *erótica da arte* (SONTAG, 1987) e do *prazer do texto* (BARTHES, 1973) mas sobretudo da própria investigação científica do fenômeno literário enquanto processo comunicativo complexo. Neste âmbito, a contribuição oferece um olhar sobre possíveis relações entre esferas cognitivas, emotivas e comunicativas, sublinhadas em uma ciência da literatura de orientação sistêmica e pragmática. O interesse pela reintegração de sentimentos, que não se limita à dimensão da relação entre texto e leitor, mas enfatiza na própria construção teórica a co-presença de uma gama de afetos atuantes, será explorado na produção de conhecimento em experimentos de historiografia literária recentes que se pautam pelo exercício de uma nova sensibilidade. Com acento sobre questões de emoção na mediação entre aspectos psíquicos, sistemas sociais, comportamentos culturais e escolhas políticas, esta perspectiva contraria a suposição de que processos de construção científica, em princípio, sejam vacinados

¹ Professor Associado do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; Supervisora da Linha de Pesquisa Desafios do Contemporâneo: teorias e crítica do Programa de Pós-graduação Literatura, Cultura e Contemporaneidade. E-mail: hkolinto@gmail.com

contra a invasão de fatores subjetivos por mecanismos de imparcialidade e objetividade para proteger os seus objetos de investigação. Trata-se de uma forma experimental de fazer ciência que, sem abdicar do rigor da análise de seus dados documentais e de sua comprovação, permite vislumbrar aquela ciência jubilosa idealizada por Nietzsche, que une as vocações aparentemente antitéticas entre artista e pensador e entre poeta e pesquisador de sentidos. Dizia ele no prólogo ao livro *Gaia ciência*:

A nós, filósofos, não nos é dado distinguir entre corpo e alma, como faz o povo, e menos ainda diferenciar entre alma e espírito. Não somos batráquios pensantes, não somos aparelhos de objetivar e registrar, de entranhas congeladas (...) temos de continuamente parir nossos pensamentos em meio a nossa dor, dando-lhes maternalmente todo o sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino e fatalidade que há em nós. (NIETZSCHE, 2007, p.12-13)

Trata-se de uma teoria que enxerga a razão e os afetos como indissociáveis, como diria Paulo César de Souza, e de uma linguagem que encanta e estimula reflexão. (SOUZA, 2007, p. 340) Estamos assim diante uma imaginação teórica que aposta numa ciência capaz de “fazer brilhar novas galáxias de alegria”, procurando caminhos transversais, encruzilhadas inesperadas, encontros marcados pelo prazer.

2. Em meados dos anos 80, o teórico alemão Siegfried J. Schmidt sugeriu minimizar o apego excessivo à interpretação de textos literários particulares e deslocar o olhar para o “rico e fascinante panorama de questões” que aguardam uma ciência da literatura, um projeto por ele chamado de “arte para o homem”. (SCHMIDT, 1983, p.255) Naquele momento, tornaram-se mais nítidos os sinais de cansaço e de vontade de abandonar o discurso teórico em lugar do entusiasmo por seu aprofundamento. A reflexão intelectual perdeu parte de sua força à medida que a sedução de uma nova sabedoria começava a traduzir-se pela confiança na espontaneidade e intuição, passando a ofuscar o poder hegemônico do discurso racional, pela presença de sentimentos e emoções. No interior do projeto de uma ciência empírica da literatura questionava-se, com frequência, a visão sintomática da consciência polarizada entre razão teórica e razão prática, contrapondo-lhe uma consciência não dualista, ao mesmo tempo, capaz de superar o modelo dicotômico que separava racionalidade e emotividade. Trata-se de uma transformação que

sinaliza, antes de mais nada, o papel significativo da co-presença de fatores afetivos em todas as formas de construção de conhecimento².

Embora esporadicamente presente nos próprios títulos de certos manuais como *Now don't try to reason with me* (BOOTH, 1970), de Wayne Booth, - teórico conhecido pela publicação de *Retórica da ficção*, um tratado de teoria da literatura, valorizado, antes, pela sistematização elaborada de conceitos de ficcionalidade-tratava-se, naquele momento, de pequenas investidas pontuais para desestabilizar um modo de teorizar preso a uma visão de cientificidade, em sua visão radical representada nos moldes formalistas e estruturalistas, por exemplo. No decorrer dos anos de 1990, no entanto, dissemina-se, efetivamente, um renovado interesse pela presença simultânea de fatores cognitivos e afetivos na construção de saberes e se recupera para a teoria da literatura uma visão integrada das emoções atuantes, não apenas em processos de leitura com ênfase sobre o leitor, mas sobretudo na própria maneira de teorizar o fenômeno literário enquanto complexo processo de comunicação estética, cultural e social.

Esse novo olhar revitaliza também uma discussão de Thomas Kuhn, dos anos 1960, acerca da estrutura das revoluções científicas (KUHN, 1975), que além de investir no repertório lógico e epistemológico do conhecimento científico, abre espaço significativo para fatores sociais e psicológicos na construção do saber. Ao vincular mudanças revolucionárias nos modelos científicos vigentes à conversão dos seus adeptos ao novo paradigma triunfante – pela exclusão dos dissidentes ou pela desvalorização de suas pesquisas – Thomas Kuhn introduz, ao lado de compromissos com uma indiscutível racionalidade científica, a força de determinados interesses no plano dos afetos e emoções. Segundo Kuhn, o cientista movido por “paixão e devoção” (p.60), sente-se atraído pela ciência por diversas razões, entre elas “o desejo de ser útil, a excitação advinda da exploração de um novo território, a esperança de encontrar ordem e o impulso de testar o conhecimento estabelecido”. (p.61) É a vontade obstinada de conseguir solucionar certos problemas, quebra-cabeças, que o fascinam, o desafiam e prendem a sua atenção. Fenômenos novos demandam mais do que ajustes adicionais em relação a teorias estabelecidas e podem provocar crises no campo disciplinar com a cisão em partidos

²Com respeito à presença de emoções na construção de conhecimento nos estudos de literatura cf. entre outros: Sensibilidades nos discursos teóricos In: H. K. Olinto & K. E. Schollhammer. *Cenários contemporâneos da escrita*, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014; Teoria da literatura: muito prazer! In: S. Zyngier (org). *Ver e visualizar: Letras sob o prisma empírico*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 2008; Razão e emoção nos estudos de literatura. Anais do XII Congresso ABRALIC, 2012.

rivais. Nestes casos, tanto a conversão quanto a resistência acirram os ânimos dos cientistas em competição, favorecendo o uso intenso de estratégias persuasivas motivadas por “obstinação e teimosia”, (p.192) à margem da argumentação racional. Quando a natureza da discussão científica envolve emoções, a rejeição ou adoção de novos paradigmas pode ocorrer inteiramente fora da “esfera aparente da ciência”. (p.193) Kuhn ilustra essa situação de forma exemplar evocando a “adoração do sol que ajudou a fazer de Kepler um copernicano” (p.193) e lembra, ainda, a dependência do cientista de “idiossincrasias de natureza autobiográfica ou relativas à sua personalidade e até nacionalidade”. (p. 193) A própria reputação do cientista pode desempenhar um papel significativo na aceitação ou recusa de modelos rivais. Mas igualmente são mencionados como efeitos decisivos, a sua “atração estética” (p.196) e, até conversões “na base da fé”, que fogem à razão. Nesta atmosfera, novos paradigmas podem triunfar, também, “por meio de alguma estética mística”, (p.195) muito antes do uso de argumentos objetivos arrolados para convencer os indecisos a partir do exercício da razão.

Hoje, de certo modo, se tornou mais aceitável o reiterado questionamento da redução de teorias de conhecimento a seus aspectos cognitivos analíticos e racionais em prejuízo de uma atenção específica aos aspectos emocionais, que para Siegfried Schmidt, além de serem elementos constitutivos da própria vida humana, precisam ser vistos como componentes efetivos na construção de conhecimento. O indivíduo não possui sentimentos, mas materializa os mesmos no contexto de processos cognitivos construtivos. Em seu livro, *Kognitive Autonomie und soziale Orientierung* (Autonomia cognitiva e orientação social), o teórico defende explicitamente uma compreensão ampliada das operações cognitivas na construção de conhecimento acerca do fenômeno literário como *vida* literária, pela acento sobre a co-presença incontornável de emoções e afetos. (SCHMIDT, 1994)

Foi especialmente Henrique F. Alfes, mencionado por Schmidt, que questionou a ênfase sobre aspectos analíticos racionais na maioria das teorias cognitivas construtivistas, em detrimento de uma consideração explícita de aspectos afetivo-emocionais. A sua proposta em *Literatur und Gefühl*, (ALFES, 1995) dá relevo à possibilidade de analisar processos emotivos como fenômenos complexos formados na articulação entre processos fisiológicos, psíquicos e sociais que tornam visível a sua presença em expressões afetivas e seus efeitos, tais como surpresa, assombro, estranhamento, frustração, resignação, júbilo, indignação, fascinação,

aversão, entusiasmo, volúpia, encantamento, melancolia, resistência, nervosismo, excitação, decepção, medo diante do novo, do inesperado.

Até numa ótica sociológica, emoções e sentimentos não são investigados necessariamente como fenômenos da esfera íntima, mas como efeitos e componentes da interação social, em que expressões verbais e manifestações não verbais ocorrem geralmente na forma de *scripts* sociais internalizados. Estes, de certo modo, são responsáveis pela regulação da representação e pela observação da condição emocional de parceiros interativos, o que inclui além da avaliação dos sentimentos adequados às expectativas, a compreensão de suas formas de manifestação em determinadas situações comunicativas. É nessa ótica que as emoções podem ser descritas igualmente como espécie de saber convencionalizado, codificado e culturalmente compartilhado. Estes códigos são, por exemplo, conceitos de emoção, tipificações e ofertas midiáticas representativas – tais como textos, peças teatrais, músicas e filmes – que, em seu conjunto, formam, atualizam e controlam sentimentos. Em suma, segundo Alfes comunicação, cultura e processos cognitivos são profundamente marcados por emoções e afetos e influenciam todas as formas de avaliação de experiências. (SCHMIDT, 1994, p.34) Neste contexto, a construção de modelos teóricos precisa ser analisada na perspectiva de interesses e valores científicos, sociais e psíquicos em espaços históricos particulares que se manifestam e expressam numa variedade de repertórios emotivos.

Uma outra presença significativa na argumentação de Schmidt é o trabalho desenvolvido pelo neurocientista suíço Luc Ciompi, que desenvolveu, em bases empíricas, os fundamentos emocionais do pensamento, cujos resultados foram publicados no livro *Zu den affektiven Grundlagen des Denkens*. (CIOMPI, 2004) Segundo ele, o pensamento humano se organiza a partir de constantes intercâmbios entre emoções e conhecimentos. Para entender esse processo, Ciompi propõe um modelo que vai além da conhecida lógica causal, porque emoção e cognição realimentam-se em processos auto-reprodutivos. Nesta ótica, uma história do pensamento sobre o próprio pensamento humano, a filosofia do conhecimento, a psicologia e as mais recentes descobertas da neurobiologia, são articuladas numa lógica fractal que contorna a disputa tradicional entre materialismo e idealismo – se o ser marca a consciência, ou, antes, a consciência cria o mundo material – ao reconciliar os dois numa ordem do caos, numa estética fractal que organiza afetos e pensamentos de forma prazerosa.

São os afetos que fornecem energia decisiva para toda a dinâmica cognitiva. Trata-se de forças afetivas de todos os tipos – entre eles o desejo de solucionar conflitos e tensões – que se caracterizam pelos efeitos mobilizadores presentes no próprio termo emoção. Afetos dirigem o foco da nossa atenção e percepção de determinados conteúdos cognitivos de acordo com nossos sentimentos – de tristeza ou alegria, de medo ou raiva. Segundo Ciompi, então, tingimos todos os ambientes de acordo com essas tendências emocionais.

Essa atenção seletiva na dependência de influências afetivas vale analogamente para pensamentos coletivos e para a nossa compreensão da realidade. Neste sentido, o foco de atenção dirigido afetivamente, determina tacitamente a seleção de informações que nos parecem relevantes e, em última análise, toda a nossa visão de mundo. Afetos funcionam como espécie de filtros, ou de portas que abrem e fecham o acesso a diferentes repertórios de memória e determinam, de certo modo, a hierarquia de nossos conteúdos cognitivos. Neste âmbito operam igualmente como importantes redutores de complexidade, que limitam a imensa quantidade de informações que bombardeiam nossos aparelhos cognitivos.

Em suma, segundo Ciompi, existem relações de reciprocidade circulares permanentes entre emoção e cognição, porque determinados estímulos cognitivos induzem ou fortalecem determinados afetos e estes, por seu lado, canalizam e organizam a percepção e o pensamento.

3. Um olhar retrospectivo sobre propostas circunstanciais que, desde os anos 60, apontavam para formas mais flexíveis de lidar com obras de arte, estimulando sensibilidades até então ausentes em sua análise, permite localizar, comparativamente, significativas diferenças nas perspectivas privilegiadas. Entre diversos projetos-manifesto parece-me ilustrativa, pelo próprio estilo panfletário, a defesa por Susan Sontag de uma relação sensorial/sensual com textos literários em substituição aos atos exegéticos clássicos baseados na construção de sentido. O seu ensaio introdutório “Contra a interpretação”, da coletânea com o mesmo título, publicada na década de 60, ainda hoje guarda surpreendente atualidade. (SONTAG, 1987) Concebida como libelo ousado e irônico contra uma prática hermenêutica racionalmente construída, por ela vista como autoritária, reacionária e asfixiante. A sua própria crítica literária e artística se entende, antes, como exercício de uma nova sensibilidade na elaboração interativa de juízos estéticos. “Em vez de uma hermenêutica, precisamos de uma erótica da arte”, dizia Sontag em 1964, porque só esta torna as obras artísticas vibrantes e mágicas no encontro com fruidores capazes de nelas

mergulhar e se entregar. (SONTAG, 1987, p.23) Se o dilema da exegese tradicional correspondia à hipertrofia do intelecto em prejuízo da energia sensorial, a nova crítica, em contrapartida, precisava investir na recuperação plena dos sentidos e transformar o ato de fruição numa experiência de “*ver mais, ouvir mais, sentir mais*”. (p.10) Neste horizonte, a interpretação como construção de sentidos “fantasmagóricos” se transforma em vingança do intelecto tornando as obras artísticas dóceis e manipuláveis. Por conseguinte, o gesto exegético equivale à violação da própria arte, rebaixando-a a um “artigo de uso, a ser encaixado num esquema mental de categorias”. (p.19) Em compensação, a “Arte verdadeira”, segundo Sontag, “tem a capacidade de nos deixar nervosos”, (p.10) e é neste sentido, que o vanguardismo programático da experimentação formal, pode ser visto como antídoto contra a “praga” da interpretação hermenêutica, a partir do seu poder provocar sensibilidades adormecidas e estimular novas intensidades na experiência estética.

Que tipo de crítica seria desejável, então, para o encontro da arte com o seu fruidor? A resposta à pergunta retórica enfatiza o valor de uma *erótica da arte*, capaz de revelar a sua superfície sensual numa descrição “cuidadosa, aguda, carinhosa da aparência da obra de arte”. (p.22) Deste modo, ela deixa de ser apenas um texto ou comentário *sobre* o mundo, *sobre* algo; porque ela *é* alguma coisa *no* mundo. Não se trata de uma exclusão referencial do mundo real, nem dos nossos conhecimentos, experiências e valores. Mas distinta do conhecimento conceitual elaborado pela filosofia, pela psicologia e pela história, a arte gera, em última instância, um estado singelo de encantamento, “algo como uma excitação”. (p.32) Neste sentido, a vitalidade da arte se atualiza plenamente em sua expressividade, no estilo e na forma, e são esses os elementos capazes de seduzir o fruidor, ao clamar a sua cumplicidade.

Nesta discussão, uma das questões levantadas como “histórica confusão ocidental”, diz respeito à dicotomia tradicional entre arte e moral, estética e ética, por Sontag minimizada como pseudo problema, porque a intensidade da experiência, durante o processo frutivo, nos incapacita para escolher entre um comportamento racional e responsável e uma “prazerosa estimulação da consciência” mobilizada por afetos e emoções. (p.33) Por outro lado, a resposta estética não necessariamente precisa ficar isolada da proposta moral, uma vez que apropriada experiência artística é capaz de proporcionar prazer moral, entendido no caso, como forma de ação e não como repertório particular de escolhas. Na argumentação de Sontag, “o prazer moral peculiar à arte não é o prazer de aprovar ou desaprovar certos atos. O prazer moral da arte(...) consiste na

gratificação inteligente da consciência”. (p.35) E se for compreendido deste modo, deixa de existir também o antagonismo genérico entre a forma da consciência voltada para a ação e o alimento da consciência proporcionado pela experiência estética. Obras de artes escapam necessariamente à construção de sentido via interpretação hermenêutica e, antes, clamam por um “tratamento do inexprimível”, porque os conteúdos da consciência são inexpressáveis e mesmo a mais simples sensação resiste a sua descrição. De acordo com estas máximas de Sontag, o encontro com obras artísticas não permite juízos e generalizações, mas se oferece tão somente a uma experiência perceptiva singular e este ato, como única justificativa suficiente, precisa ser “acompanhado pela voluptuosidade”. (p.41) É precisamente nesta fórmula que emerge, em forma de síntese, o manifesto a favor de uma *erótica da arte*, capaz de organizar novos modos de sensibilidade “provocadoramente pluralista”, (p.310) e capaz de sacudir o público moderno imerso numa “confortável anestesia emocional”. (p.316)

4. Em que pese a distância espacial e temporal de quatro décadas em relação às propostas de Susan Sontag, o psicólogo e teórico da literatura Thomas Anz se empenha explicitamente a favor de uma teoria da literatura *hedonista*, que não leva em consideração apenas os aspectos prazerosos do circuito da comunicação literária, mas que sublinha expressamente os efeitos afetivos provocados pelo encontro com literatura que deviam transformar essa experiência em momentos de *felicidade*. (ANZ, 2002) Nesta sua campanha a favor da reformulação das próprias formas de teorizar literatura, reintroduzindo aspectos prazerosos e funções afetivas para contrabalancear o desmedido investimento cerebral, ele encontra apoio em Terry Eagleton, por exemplo, que reclamava, já duas décadas antes, da falta de uma teorização prazerosa, ainda que seus efeitos palpáveis sobre produções concretas e a divulgação de novas teorias literárias com ênfase sobre o prazer permanecessem esporádicas e antes encontradas em programas-manifesto pós-modernos. No final de seu livro *Teoria da literatura: uma introdução*, (1982) Eagleton ironizava com todas as letras o tratamento acadêmico dado ao processo comunicativo literário: “A razão pela qual a grande maioria das pessoas lêem poemas, romances e peças, está no fato de elas encontrarem prazer nesta atividade. Tal fato é tão óbvio que dificilmente é mencionado nas universidades”. (EAGLETON, 1983, p.205) Para ele, é reconhecidamente difícil passar alguns anos estudando literatura e ainda assim continuar a encontrar prazer nisso. “Muitos cursos universitários de literatura parecem ser organizados de modo a impedirem que tal prazer se

prolongue; e quem deles sai sem perder a capacidade de gostar das obras literárias, poderia ser considerado herói ou masoquista”. (p.205)

Na visão de Thomas Anz, autor de *Literatur und Lust. Glück und Unglück beim Lesen* (Literatura e prazer. Felicidade e infelicidade na leitura), a garantia de uma racionalização nos estudos literários ao preço de uma frieza emocional artificial e de uma anestesia racional equivale ao bloqueio de dimensões essenciais da arte e da literatura. (ANZ, 2002, p.1) A última lida com temas e questões de elevado teor emocional – amor e ódio, alegria e tristeza, prazer e dor, medo e compaixão, fascinação e tédio, inveja, admiração, ciúme – mas nada impede que dela se possa falar racionalmente, *cientificamente*, contanto que este discurso não estabeleça fronteiras intransponíveis entre ciência, sentimentos e emoções. Com essa postura a favor de uma razão emocional intensa não dividia, Anz assume igualmente uma perspectiva não dicotômica entre sujeito e objeto de investigação, assumindo pressupostos construtivistas atuais acerca da relação entre observador e objeto observado. (OLINTO, 2007) Segundo ele, a teoria da literatura – em sua indagação acerca da função da literatura para o leitor – acentua inadequadamente, a forma intelectual do termo retórico *docere* em prejuízo de *delectare* e *movere*, ambos aliados à fruição expressamente prazerosa. Nos estudos literários prevalece frequentemente o acento sobre determinados repertórios ideológicos, sobre normas e valores problematizados em obras literárias com o objetivo de construir realidades alternativas, oferecendo, deste modo, respostas para problemas políticos, sociais ou estéticos em determinados contextos e épocas, objetivando efeitos emancipadores, mas deixando pouco espaço para funções emotivas na comunicação literária. Estas continuam restritas à dimensão da literatura de massa, explicitamente criadas em vista do entretenimento, que continua sendo tratado com certo receio na esfera da chamada literatura elevada, a qual circula no espaço do ensino.

É precisamente a constatada subvalorização do prazer no âmbito da teorização da literatura, que sustenta a bandeira de Anz a favor de uma ciência da literatura *hedonista* que sublinha os efeitos afetivos do fenômeno literário visto numa dimensão sistêmica. Trata-se de um projeto que se baseia em hipóteses neuropsicológicas recentes acerca da evolução de aspectos cognitivos e afetivos, na produção de conhecimento. Com respeito à relação com literatura interessa menos arbitrar sobre supostas prioridades afetivas ou intelectuais na construção de sentido, mas destacar, antes, o caráter altamente emotivo deste próprio processo. Neste sentido, Anz pleiteia, também, uma investigação empírica das emoções atuantes na leitura e na produção

teórica acerca dela, porque, segundo ele, não se pode ignorar a presença de sentimentos e emoções, ou seja, de aspectos afetivos na orientação de processos de leitura que só deixam de satisfazer critérios de racionalidade, se o abismo entre emoções e atividades científicas continue sendo visto como intransponível.

Uma de suas referências com elevado potencial explicativo, o psicólogo americano Mihaly Csikszentmihalyi, conhecido pela descoberta do fenômeno *flow*, discute, em seu livro *Flow. Das Geheimnis des Glücks*, uma experiência de realização e engajamento máximos que conduz a um estado de felicidade e euforia. (CSIKSZENTMIHALYI, 1995) Tematizada a partir do conceito de *flow* – uma experiência psicológica prazerosa, que implica contínuos desafios que excedem limites – o autor a relaciona com uma motivação humana profunda extrema que se manifesta em momentos de atenção concentrada propícia a desencadear sensações de felicidade. Durante esse processo, aliado a uma percepção seletiva que focaliza determinados aspectos do meio ambiente a partir da exclusão de outros, os indivíduos são de tal modo absorvidos que se desligam de exigências externas e pensamentos perturbadores. É nesses momentos de extrema atenção, concentração e dedicação que podem ocorrer experiências *flow*, provocando, segundo Csikszentmihalyi, uma antecipação prazerosa de surpresas como acontece em jogos e competições esportivas, por exemplo. Trata-se de situações de desafio para os participantes destas atividades que, no entanto, proporcionam estados de profundo prazer quando estes são capazes de solucionar com sucesso problemas vividos como desafio.

Flow, por assim dizer, caracteriza, desta forma, uma experiência humana máxima, baseada na articulação entre prazer, desafio e excitação demandando um estado de completo envolvimento e intensa motivação. A transferência dessa experiência, não só para o encontro com literatura, mas também para o seu tratamento científico, representa um dos alicerces para o projeto de Thomas Anz, idealizado como uma ciência da literatura *hedonista*, capaz de sintonizar desafio e empenho com estados de euforia e prazer nos estudos literários trazendo de volta para o circuito da comunicação literária afetos e efeitos que estimulam novas sensibilidades e intensidades também no tratamento científico do fenômeno literário. E na elaboração de historiografias literárias afetivas.

5. Entre os numerosos exemplos de investimento nestas novas sensibilidades, gostaria de destacar, a título de exemplo, um experimento recente³. A busca de uma nova *imaginação teórica* capaz de revitalizar os estudos literários e o espaço de sua construção historiográfica tem motivado, com resultados desiguais, teóricos e críticos desde a chamada revolução paradigmática nos anos de 1970. O comentário entusiasmado de Andreas Huyssen – “I feel that I have waited for this book for 35 years” – acerca da publicação pela Harvard University Press, em 2005, de *A New History of German Literature* permite deduzir que se trata de um experimento bem sucedido de historiografia literária, afinado com as mais exigentes expectativas em nosso campo de estudos com respeito a convicções teóricas e epistemológicas, e sensível a valores estéticos e políticos privilegiados no momento atual. O crédito dado ao livro, editado por David E. Wellbery certamente não se explica apenas pela multiplicidade de informações e de eventos tematizados – em quase 200 ensaios produzidos por 152 contribuintes recrutados entre teóricos e historiadores de literatura, críticos, filósofos, musicólogos, estudiosos do teatro, do cinema, da mídia – mas, também, pela própria estruturação dos ensaios articulados como estrelas de uma constelação. (WELLBERY, 2004) O potencial comunicativo dessa estrutura dissipativa é idealizado por Wellbery para seduzir os usuários a experimentar caminhos alternativos e atalhos transversais e para provocar efeito-surpresa ao gerar momentos de iluminação intensa capazes de descortinar cenários multi-espaciais e multi-temporais sincrônicos dos ambientes artísticos e político-culturais de treze séculos de história de literatura e cultura germânicas.

Um dos aspectos significativos que distingue o referido experimento historiográfico diz respeito ao circuito comunicativo, de modo geral, dirigido a estudantes e estudiosos de literatura germânica. Em sua introdução de *A New History of German Literature*, Wellbery sublinha que não quer excluir essa parcela – “on the contrary!” – mas deslocar o acento sobre o “general or educated reader”, (WELLBERY, 2004, p.xxi) um leitor simplesmente motivado por desejos diversos, não limitados à preparação de leituras escolares, exames bem sucedidos e propósitos de investigação científica. Segundo o autor, tal leitor encontra-se “almost anywhere” (p.xxii) nas condições atuais de circulação internacional de livros, promovida por produções massivas em

³Discussões acerca de novos experimentos historiográficos-entre elas *A New Literary History of German Literature* - ocorreram em diversos eventos acadêmicos e foram, em parte, publicadas. Cf. p. ex. Afinal, o que cabe numa história de literatura? *Cadernos de Pesquisa em Literatura*, v. 1, 2010, p. 40-52; Historiografia literária em cenários multiopcionais. In: NUÑEZ, Carlinda F. P. et al. *História da literatura: fundamentos conceituais*. Rio de Janeiro: Ed. Makunaima, 2012.

escala global facultadas por novas tecnologias eletrônicas e, ainda, marcadas pela diversidade étnica nos grandes centros urbanos mundiais.

A sua contundente crítica a histórias literárias tradicionais justifica-se, ainda, pela radicalização da ideia da historicidade da literatura, enfatizada não só a partir de sua capacidade de testemunhar experiências humanas concretas, mas também em função de sua ressonância na vida dos próprios leitores. Para Wellbery, estes efeitos encontram-se inseparáveis da particularidade de seu momento, do seu caráter histórico como ocorrência contingente. Essas características, ausentes em historiografias herdadas, sublinham textos e performances literárias como eventos singulares, e não enquanto instâncias exemplares de tendências e normas gerais, cristalizadas como espírito de época, nação, classe social ou ideal estético, transformando casos particulares em manifestações típicas e aplainando, assim, a sua diferença. Em outras palavras, a tradicional operação de redução da complexidade apaga precisamente a sua singularidade datável, a sua contingência. Contrastando com este tipo de historiografia, *A New History of German Literature* apresenta-se na qualidade de um contra-modelo ao pretender restaurar o acesso a dimensões ocultas e silenciadas da literatura. Acesso ao reino dos afetos.

Ensaando na prática – e em termos nietzscheanos – um sopro de gaia ciência, também na escrita de novas histórias de literatura.

Referências

- ALFES, Henrike F. *Literatur und Gefühl. Emotionale Aspekte literarischen Schreibens und Lesens*. Leverkusen: Opladen, 1995.
- ANZ, Thomas. *Literatur und Lust. Glück und Unglück beim Lesen*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2002.
- BARTHES, Roland. *Le plaisir du texte*. Paris: Seuil, 1973.
- BOOTH, Wayne C. *Now don't try to reason with me. Essays and ironies for a credulous age*. Chicago: Chicago UP, 1970.
- CIOMPI, Luc. *Zu den affectiven Grundlagen des Denkes*. Berlin: Springer, 2004.
- CSIKSZENTMIHALYI, Mihaly. *Flow. Das Geheimnis des Glücks*. Stuttgart: Klett-Cotta, 1995.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- OLINTO, Heidrun Krieger. Afetos/efeitos na comunicação (literária). In: Zingier, S. e Vianna, V. (orgs.). *Textos e leituras: Estudos empíricos de língua e literatura*. Rio de Janeiro: PUBLIT/UFRJ, 2007, p.125-147.
- SCHMIDT, Siegfried J. *Kognitive Autonomie und soziale Orientierung*. Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1994.
- SCHMIDT, Siegfried J. Interpretation: Sacred cow or necessity? *Poetics* 12, 1983, p.245-268.
- SONTAG, Susan. *Contra a interpretação*. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- SOUZA, Paulo César de. Posfácio. In: NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p.333-340.

WELLBERY, David E. et alii (eds.). *A New History of German Literature*. Cambridge: Harvard UP, 2004.
WELLBERY, David E. Introduction. In: WELLBERY, David E. et alii (eds.). *A New History of German Literature*. Cambridge: Harvard UP, 2004, p. xxii-xxv.